

60 ANOS DE FORMALIZAÇÃO Aluno e professores do curso de economia falam da carreira que apresenta mercado promissor e do atual contexto financeiro

Economistas listam desafios da profissão

PAOLA RIBEIRO

paola@jpijournal.com.br

Taxa de juros, câmbio, inflação. Considerados complexos por muitos, esses assuntos sempre atraíram o jovem estudante Cláudio Mirandola Orsini, 21, que optou, sem ter dúvida alguma, por seguir a carreira de economista. A profissão completa hoje 60 anos de formalização, apontando perspectivas positivas para um mercado de trabalho extremamente promissor, que recebe uma média de 70 economistas por ano.

E, para falar sobre os principais desafios da formação, passando pelo atual contexto financeiro, o **Jornal de Piracicaba** entrevistou três economistas conceituados no município.

Na avaliação do coordenador do curso de ciências econômicas da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), Valdir Iusif Dainez, a procura por profissionais está aquecida, mas existe uma escassez de mão-de-obra qualificada. “O nosso desafio é preparar um profissional para o mercado com sólida formação teórica, histórica e matemática, que seja

capaz de analisar criticamente a realidade, mas que, ao mesmo tempo, tenha um compromisso social e com a ética”, ressalta Dainez. Segundo ele, saem formados da universidade aproximadamente 30 alunos por ano. Pela Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), são mais 40 estudantes de economia.

As áreas mais disputadas estão concentradas nos empregos públicos, como Banco Central, e nos cargos diretivos de grandes organizações privadas, como almeja o estudante Orsini. “Pretendo fazer uma especialização em econo-

mia que me proporcione um reconhecimento e, consequentemente, a ocupação de cargos maiores”, declarou ele, que, desde janeiro de 2010, atua na área de contabilidade de uma empresa holding da Raizen (joint venture entre Cosan e Shell).

CRISE — Com relação à crise financeira internacional e seus possíveis impactos sobre a economia brasileira e local, as análises sugerem cautela. “Temos hoje um maior aprendizado, em termos de manejo de política econômica, para enfrentamento de crises externas, com determinado grau de gravidade, é claro. Diferentemente dos países centrais, o Brasil tem um espaço amplo de manobra da taxa de juros básica, que, devidamente trabalhada, provocará um redução dos gastos do governo central com os juros da sua dívida. Hoje (ontem), a imprensa já noticiava a pretensão do governo da presidenta Dilma de congelar gastos não obrigatórios na esfera federal, manejando a política fiscal de forma a não provocar déficits primários em nossa economia”, avalia Lineu Maffezoli, professor do curso de ciências econômicas da Unimep e da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Campinas, além de presidente da Ange (Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Ciências Econômicas).

Ao mesmo tempo, do ponto de vista externo, Maffezoli alerta para problemas maiores ao Brasil. “Neste caso, vale destacar o desem-



F. Rodrigues/JP

Cláudio Mirandola Orsini faz planos para fazer especialização

penho de economias, hoje denominadas de emergentes, que poderão manter certo nível de atividade, a começar pela China, grande demandante de produtos nacionais, embora, também, grande concorrente nossa, em produtos manufaturados”, faz ressalva.

Para Dainez, ainda é cedo para avaliar a profundidade da crise atual. “Mas, se for severa, como a maioria dos analistas espera, com certeza o Brasil será afetado, porque hoje está mais vulnerável que em 2008 (inflação mais alta, câmbio extremamente valorizado, déficit em transações correntes alto e uma dívida pública também maior). E, certa-

mente, Piracicaba será afetada com queda da produção e nas exportações e aumento do desemprego”, acrescenta o economista.

Mais otimista, Crococo acredita que os impactos deverão ser pequenos. “A exemplo da crise de 2008, Piracicaba e região vivem um bom momento em sua economia. A relação da atividade econômica local, com a produção de produtos e serviços importantes para a sociedade, aliada à sua grande diversidade nos dão certa tranquilidade, mesmo nos momentos de crise”, analisa o coordenador do Banco de Dados Socioeconômicos da universidade.

Empregos públicos estão entre os mais disputados